

A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA – A OFENSIVA DE 1866

Gen Div Med Aureliano Pinto de Moura (*)

1. INTRODUÇÃO

A ofensiva paraguaia

A guerra foi iniciada, por Solano Lopez, com a invasão de Mato Grosso, em dezembro de 1864, como uma operação preliminar. Posteriormente invadiu o Rio Grande do Sul, em 10 de junho de 1865. Quanto ao seu plano estratégico ninguém até hoje conseguiu conhecer, realmente. Lopez não dividia, as suas idéias, com ninguém. Tudo o que existe são conjeturas, dos estudiosos do assunto.

Após o sucesso em Mato Grosso, Lopez iniciou a sua ofensiva, no teatro de operações do Sul, invadindo o território argentino, com duas colunas. Uma invadindo Corrientes, bordejando o Rio Paraná, com cerca de 20.000 homens, sob o comando do General Robles e a outra pelo tenente-coronel Antonio De La Cruz Estigarribia, com cerca de 10.000 soldados, atravessando território missioneiro até atingir San Thomé, nas margens do Uruguai. Neste ponto, cruzou o rio, entrando em São Borja, em território brasileiro. As duas colunas marcharam separadas por um terreno difícil, onde se destaca a Laguna Iberá, e tendo à sua retaguarda o Rio Paraná.

Para alguns estudiosos, a

(*) O autor é Presidente do IGHMB

intenção de Solano Lopez seria, juntar-se com Urquiza e marchar sobre Buenos Aires, o seu objetivo maior. Esta intenção não justificaria a invasão do Rio Grande do Sul. Além do que, com o domínio do Rio da Prata, pela Esquadra brasileira, um ataque a Buenos Aires seria muito difícil. Não seriam os seus 30.000 soldados capazes de tamanha façanha.

A outra hipótese, que se levanta, seria a invasão do Rio Grande do Sul, com o objetivo de atingir a República Oriental do Uruguai, passando pelo território gaúcho. A marcha até Uruguaiana teria sido realizada, segundo Garmendia, apenas em busca de suprimento, para o prosseguimento das operações, em direção ao Alegrete. Lá, Estigarribia deveria esperar por Lopez, que assumiria o comando das tropas, afirmou Centurión.

Conforme Resquin, pela sua missão deveria seguir até Santa Lucía e aguardar as ordens de Solano Lopez, que chegaria com mais 22.000 soldados. A rendição de Estigarribia, em Uruguaiana, teria jogado por terra essas hipóteses. Não havia mais nada a fazer do que retrai para território paraguaio e esperar a ofensiva aliada.

Também é uma incógnita o fato de Resquin não ter se movido para socorrer o major Pedro Duarte, diante das tropas de Venâncio Flores, reforçadas pelos soldados de Paunero.

Para Tasso Fragoso, a direção dada à guerra foi “*o atestado mais eloqüente da sua inépcia*”, como general, referindo-se a Solano Lopez.

O que se passou na cabeça de Lopez, durante esse período persiste como um mistério indecifrável.

As tropas aliadas

Para Tasso Fragoso, o Brasil foi “*pego de surpresa, com o seu exército permanente reduzido; com as suas reservas sem experiência e adestramento para o combate*”. Mas a história não mostra os fatos dessa maneira.

As tropas de Mato Grosso não estavam em condições de barrar as forças paraguaias, mesmo após a chegada de reforços. Pouco podendo fazer.

Naquele momento, a única tropa, em condições de combate, estava no Uruguai, sob o comando de Osório. Para atender a situação crítica, forças aliadas foram movimentadas para Uruguaiana, para juntar-se às tropas do conde de Porto Alegre.

Após conquistar e saquear São Borja, Itaqui e ocupar Uruguaiana, Estigarribia foi isolado, levado a render-se, por não ter mais condições para manter-se.

Após a retomada de Uruguaiana, os aliados levaram, os seus exércitos para a região Candelária, de onde partiram em direção ao norte, para obrigar o inimigo retrair para seu território, e preparar a invasão do Paraguai. Mas isso não foi necessário. Resquin já havia tomado a iniciativa de

retornar ao Paraguai, levando consigo todo o gado que encontrou.

Enquanto os aliados marchavam em direção a Corrientes, Solano Lopez preparava-se para recebê-los, na margem direita do Paraná.

Para os aliados foi uma longa e sofrida marcha, por difícil território, alagado pelas chuvas e de poucos recursos aproveitáveis pelas tropas.

O exército de Osório iniciou a marcha com 13.000 homens e chegou em Corrientes com 33.000 soldados, em função de efetivos recebidos. Em grande parte sem nenhuma experiência militar. Tal fato obrigou Osório completar e organizar as suas tropas, instruindo e adestrando os soldados preparando-os para o combate, sem perda de tempo. Ao mesmo tempo em que providenciava os preparativos para a travessia do Paraná.

2. PREPARANDO A DEFESA

Enquanto os aliados preparavam a invasão, Solano Lopez não ficou inativo. Executou várias incursões na margem direita do Paraná. Escolhia gente apropriada e mandava-as em canoas ou vapores para a outra margem do rio onde atacavam os piquetes de vigilância, aliados. Mantinha, desta maneira, contínua inquietação. O seu grande erro foi abusar da iniciativa, algumas vezes mais parecendo um verdadeiro ataque, cujos resultados, não foram totalmente favoráveis.

Segundo Thompson, nos primeiros dias de dezembro de 1.865, quando passeava a cavalo até Itapirú,

Solano Lopez ao avistar alguns soldados, do outro lado do rio, ordenou fazer fogo, com um canhão, que não conseguiu atingir o alvo. Mandou, então, uma canoa, com doze homens, que desembarcaram, trocaram tiros com o inimigo, colocando-os para correr e retornando para a margem direita do rio.

Segundo Rio Branco, durante o mês de dezembro, pequenas forças paraguaias desembarcavam na margem correntina, pouco guarnecidas. Travavam o combate, com os piquetes de vigilância e retornavam, à margem direita do rio. A tropa empenhada cada vez mais, foi crescendo o seu efetivo, chegando a 800 homens, usando cerca de 20 canoas e lanchões, providos de foguetes à *congrèves*. Com os quais se aumentaram as perdas e os resultados não foram compensadores.

Em 31 de janeiro, Solano Lopez fez realizar a mais séria das incursões. Aumentou o efetivo empregado, usando 250 homens, em primeiro escalão. A operação foi apoiada pela artilharia desdobrada na ilha em frente à Itapirú. Lopez não esperava que Mitre houvesse tomado medidas preventivas. Desdobrara-se a 2ª Divisão de Buenos Aires, sob o comando do coronel Conessa, com dois canhões calibre 6, na espera de nova incursão. A tropa argentina, de guardas nacional, não tinham a mínima experiência de guerra. Durante o deslocamento, marcharam em algazarra, denunciando-se ao inimigo. Após um violento combate, os

paraguaios abrigarem-se na mata, junto à margem do rio. Mas neste momento receberam reforço 200 soldados. O combate prosseguiu, com os argentinos reforçados por lanceiros.

Sem esperar Conessa percebeu a chegada do Coronel Díaz, à frente de 700 homens. Foi salvo, às 19.00 horas, pela ordem de retirada. Os paraguaios abrigaram-se na mata, próxima da margem do Paraná, onde pernoitaram. Na manhã seguinte retornaram ao Paraguai, deixando cerca de 700 mortos e nove prisioneiros.

3. PREPARANDO A INVASÃO

Em fins de dezembro de 1865, o exército aliado estava estacionado, em Corrales, na margem esquerda do Paraná, a leste de Corrientes. Brasileiros junto à Lagoa Brava; orientais junto ao arroio Yaguari nas proximidades de Itatí; e os argentinos mais ao leste, nas cercanias de Tala-Corá. Faltava preparar e executar a invasão. Era inevitável que fosse uma operação demorada.

O terreno

O terreno a ser enfrentado, tão logo os aliados realizassem a travessia para o território inimigo, tinha o rio Paraguai ao Oeste e o Paraná ao Sul, tendo no encontro das águas as Três Bocas, como é conhecida a confluência dos dois rios. Ao Leste os esteiros Cambá, Yacaré e Ñheembucú e o arroio Yabebyry. Ao Norte o Rio Tebicuarí.

Terreno plano, descampado, coberto de gramíneas e onde se encontravam os mais impenetráveis

esteiros somados a muitas lagoas formando obstáculos naturais, que só davam passagem pelos passos (Passo Sidra, Passo Pucú, Passo Carreta, Passo Rojas).

Próxima à foz do Paraguai, há uma lagoa, não muito distante do local de desembarque aliado. Na margem direita, do Paraná, pouco acima da foz do Paraguai, existe uma ponta que se levanta, onde foi construído o forte de Itapirú. Daí a margem segue para o norte, deixando a ilha de Santa Ana à direita.

O caminho entre Itapirú e Passo da Pátria, cortado por lagoas (Yuquiry, Pasopé e Carajá), quando as águas crescem e transbordam, só permite a passagem, em canoa ou na cola do cavalo, a nado. *“Nenhum outro caminho se pode abrir por serem numerosas e profundas as lagoas”*, afirma Thompson. Uma trincheira, com onze pés de largura e seis de profundidade, foi construída barrando um caminho permanente, ainda existente, que parte da margem do rio, próximo ao arroio Atajo, e segue à margem do Paraná, em direção a Itapirú e Passo da Pátria.

A um quilômetro ao sul de Itapirú um banco de areia conhecido como Ilha da Redenção (ou Cabrita), banco Purutué ou Itapirú, para os paraguaios. No ângulo de junção dos rios, os navios os aliados estariam livres para varrer o terreno pelo fogo, limpando a região para o desembarque.

O Forte de Itapirú

Pequeno forte, quadrado de pedras, com 100m por face, sobre um

barranco de 30 pés de altura, de frente para o Rio Paraná. Foi artilhado com cinco peças, retiradas do Jequitinhoha. Ao seu lado direito, um terreno baixo e alagadiço, com pouco mato. À esquerda, é coberto pela ilha de Santa Ana, paralela à margem, com uma légua de comprimento. Entre esta ilha e a margem, uma pequena ilhota, além da Ilha Cabrita.

Preparando a travessia

A falta de meios flutuantes foi uma realidade superada pela construção, pela aquisição ou pelo arrendamento, dos mesmos. Tornou-se necessário reunir, à margem do rio, todo o material indispensável à operação. Fosse construindo, adquirindo ou fretados. Paralelamente necessário o planejamento das medidas a serem adotadas na operação de travessia, para que não houvesse fracasso. Corrientes tornou-se a base de operações, para a execução da travessia. Apesar de que foi necessária muita improvisação.

A cada dia, novos efetivos foram chegando à Lagoa Brava, para integrar-se à tropa veterana. Tudo demandando tempo e trabalho, até a data da invasão que só foi acontecer, em 16 de abril de 1866, dando início à ofensiva aliada.

O território, à frente, totalmente desconhecido, exigia um meticoloso reconhecimento e planejamento.

O Almirante Tamandaré, Comandante da Esquadra, permanecia em Buenos Aires tratando da estratégia naval e da logística, deixando com o

Almirante Barroso, o emprego da força.

Não havia, nas forças aliadas, unidade de comando, ou mesmo um estado-maior conjunto, para coordenação das operações. A operação de travessia foi atribuída à Comissão de Engenheiros, sob o comando do tenente-coronel José Carlos de Carvalho. Uma operação do vulto e complexidade.

O território paraguaio, à frente, era totalmente desconhecido, impondo-se um reconhecimento meticuloso, não só do rio, mas também da sua margem direita, visando escolher o melhor local para o desembarque.

Carlos de Carvalho, em Corrientes, iniciou os seus trabalhos, com a instalação de uma oficina para a construção de barcos de modelo francês. Por ordem de Osório foi a Buenos Aires entender-se com o Ministro Otaviano para dar-lhe conhecimento da situação. Até janeiro de 1.866, só havia conseguido dez canoas e efetuado a compra de outras três. Só em Buenos Aires poderiam ser construídas balsas, com pontes levadiças, que permitissem o transporte da artilharia, dos animais e carretas.

A partir de fevereiro começou a reunir em, em Corrales, o material adquirido, em Buenos Aires e em Montevideu. Ali foram reunidos: vapores, canhoneiras, chatas, balsas, canoas, batelões, pontões de goma elástica (com um vapor para rebocá-las). Além dos barcos, de modelo francês, construídos na oficina criada por Carlos de Carvalho. Esperavam-

se, outros dois vapores de transporte de tropa que iriam se somar ao *São Paulo* fretado, pelo Exército, além de outros dez batelões, que viriam juntos. Tamandaré colocou a disposição quatro pequenos vapores da esquadra e quatro chatas.

Argentinos e uruguaio foram designados para a segurança da região. Enquanto Osório se preocupava com o adestramento da tropa brasileira, para a invasão.

No mês seguinte, Carlos de Carvalho fez um relato a Osório, das condições possíveis para a travessia.

Em Corrientes, foram construídas: 50 canoas (1.250 homens), dois batelões (240 homens) e seis balsas com ponte levadiça.

Também em Corrientes, foi instalada uma oficina para fabricação de *cartuchames*, sob a direção do Tenente Américo de Vasconcelos. Até o início de 1.866, já haviam sido produzidos 138.000 cartuchos para infantaria pesada; 178.000, para infantaria ligeira; 1.041.000 cápsulas de fulminante; 410.000 cartuchos para a cavalaria e 330.000 para pistola.

O suprimento de viveres constituiu um sério problema, pela dependência de fornecedores contratados a preços (das etapas) exorbitantes.

O apoio de Saúde não ficou atrás. Um sério problema para Osório, apesar dos depósitos estabelecidos e do hospital instalado em Corrientes.

O nível de segurança, para os suprimentos, estabelecido, por Osório, foi 8 dias. Mas Mitre, que dependia em

parte de Osório, estabeleceu em 15 dias ou mesmo em 30 dias, para cada corpo argentino.

Em 21 de março, Carlos de Carvalho declarou-se em condições de realizar a travessia, em vagas de 8.000 homens. Precavendo-se, Osório ordenou que a munição, em reserva, permanecesse embarcada.

A foz do Paraguai foi bloqueada pela 2ª Divisão Naval, enquanto a 1ª e a 3ª foram desdobradas em linha de batalha, frente a Itapirú. Eram ao todo 18 canhoneiras e quatro encouraçados, com 125 canhões. Nas Três Bocas Mitre iniciou a preleção expondo a importância do reconhecimento *“no Rio Paraná, acima das Três Bocas, para escolher uma posição na margem direita do rio e no flanco esquerdo do Paraguai, onde pudesse efetuar com segurança o desembarque das forças aliadas.”* Todos os demais se manifestaram sobre o assunto.

Tamandaré afirmou que atravessaria *“o exército sem perder um homem, empregando algumas canhoneiras e chatas pertencentes à Esquadra mais algumas balsas e canoas do Exército. Passaria de um só golpe de 8 a 10 mil homens, postando o Exército Imperial, do outro lado do rio, em um só dia. Uma vez desembarcado, o Exército Imperial ganharia espaço enquanto a Esquadra destruiria os fortes da margem direita do Paraná e a esquadra paraguaia”*.

Mitre, por sua vez, lembrou que cabia ao almirante Tamandaré,

como comandante da força naval, a iniciativa do plano de travessia do Paraná. No que retrucou o almirante *“estar a Esquadra brasileira em condições de destruir todas as fortificações paraguaias, do Passo da Pátria até Assunção, mas a necessidade era de um plano de ação conjunta entre a força terrestre e naval”*. Depois de muita discussão, ficou decidido um reconhecimento, na região de Itatí, no Alto Paraná.

Dia 27 Flores e Hornos subiram, o rio, com três vapores (*“Henrique Martins”, “Chacabuco” e “Buenos Aires”*), para o novo reconhecimento, até Itatí. A conclusão foi de que o local seria desvantajoso.

As divergências, entre Mitre e Tamandaré, continuaram. Até que o almirante desistiu e pediu que avisassem quando tivessem decidido alguma coisa.

Para Mitre, só restava Itapirú, como opção, no que concordou Flores. Havia necessidade de *“limpar o rio e dominar a costa”* para tornar exeqüível a operação. Em realidade, Mitre ainda não tinha certeza, do melhor local.

5. AÇÕES PRELIMINARES

Carlos de Carvalho sugeriu a Osório a necessidade da realização de um reconhecimento no canal norte da ilha de Santa Ana e na Ilha da Redenção (ou Cabrita) Nesta última visando posicionamento para artilharia. No dia 28 março foram posicionadas baterias de canhões raiados, em

Corrales, na margem do rio. No dia seguinte (29), um destacamento comandado pelo próprio Carlos de Carvalho, desembarcou na ilha, contando com cinco oficiais e noventa praças do 3º Batalhão de Infantaria Ligeira, para o reconhecimento em toda a sua extensão, escolhendo as futuras posições de artilharia e trincheiras.

No dia 2 abril, a artilharia uruguaia tomou posição em Corrales, iniciando-se o bombardeio, de Itapirú e margem direita do Paraná. Neste mesmo dia 1º tenente Francisco José de Freitas, comandante da canhoneira “Ipiranga”, subiu o rio Paraguai, até Humaitá, passando Curupaiti, para um levantamento topográfico e sondagem do rio (4 braças de calado). Pelo que foi observado, e pela opinião dos práticos, sugeriu a Tamandaré, que o desembarque fosse na boca do Atajo, situada na margem esquerda do Paraguai, logo acima de sua foz.

De 5 para 6 de abril, o tenente-coronel Vilagran Cabrita, com 900 homens (7º Batalhão de Voluntários da Pátria – SP) e do 14º Batalhão de Infantaria de Linha (RJ), mais 100 homens do Corpo de Engenheiros, desembarcou na ilha, levando consigo quatro canhões *La Hitte* 12, quatro metralhadoras e uma bateria de foguetes. Contou com a participação de Carlos de Carvalho, Sena Madureira e André Rebouças, do Corpo de Engenheiros. Após violentos combates, contando com o apoio de fogo de três navios da Esquadra Imperial, conquistou a ilha. Mas essa conquista custou-lhe a vida, quando

já havia cessado o combate.

Quando Tamandaré levou a Mitre a sugestão, de desembarque próximo ao arroio Atajo, este já tinha conhecimento do reconhecimento realizado, mas nada havia decidido. Mitre queria a invasão em Itapirú. Mas em 6 de abril escreveu a Osório que só faltava Curupaiti, “*que dizem ser o melhor. Prepare tudo como se formos desembarcar, aqui, em Passo da Pátria*”.

Em documento existente nos arquivos de Bartolomeu Mitre diz que “*no dia 14 de abril se operará o desembarque mais abaixo do porto de Itapirú, de combinação com a esquadra*”. Foi nessa data (14 de abril) que voltou ao assunto. A tropa seria comandada por Osório e o objetivo estabelecido, seria Itapirú. Com o que, mais uma vez, Osório não concordou. Não haveria espaço suficiente para os movimentos das tropas. Insistiu no desembarque a ser realizado em Itatí. O impasse continuava. Para Flores e Hornos, Itatí seria desvantajoso.

No dia 15 abril, três navios foram mandados reconhecer, a margem esquerda do rio Paraguai, até a boca do Atajo. O parecer foi favorável ao Atajo, o que seria uma surpresa para o inimigo. Em fim veio a decisão: a travessia seria, no dia 16 abril, próximo a boca do Atajo, na margem esquerda do rio Paraguai.

O desembarque seria precedido de um bombardeio realizado pela Esquadra, varrendo a praia abaixo de Itapirú e o forte propriamente dito. Em

seguida o desembarque seria realizado próximo à boca do Atajo; iniciar o reconhecimento em direção ao forte de Itapirú, usando uma vanguarda; uma vez ocupado Itapirú, desembarcar o restante da tropa; e prosseguir para Passo da Pátria. Navios deveriam entrar no canal norte da ilha de Santa Ana e “varrer” a praia de Passo da Pátria.

A Esquadra Imperial naquele momento contava com quatro couraçados, doze canhoneiras, cinco avisos e cinco transportes. Apenas o Iguazu era à vela. Ao todo, contava-se com 110 canhões e 3.510 marinheiros. Acresciam-se mais 7 navios fretados para transporte.

Eram três Divisões Navais, sob o comando de Tamandaré, tendo o Almirante Barroso como o seu Chefe de Estado-Maior.

Os argentinos contavam com cinco pequenos vapores, que não foram usados pois não possuíam condições de combate. Esses navios apenas transportaram tropas argentinas e uruguaias.

6. A TRAVESSIA DO PARANÁ – 16 de abril

Ao entardecer, do dia 15, as unidades subiram nas embarcações que lhes foram destinadas. Partiriam em direção ao Passo da Pátria, no amanhecer do dia seguinte, passando a noite a bordo.

As embarcações partiriam em direção a Itapirú, mas em determinado momento, durante o trajeto, seria realizada uma finta. As embarcações mudariam seu rumo em direção ao

oeste, entrando pelo rio Paraguai, em direção ao norte, desembarcando nas proximidades da boca do Atajo.

Os soldados, envergando uniformes novos, levaram apenas o armamento, a munição e as ferramentas. As mochilas e outros materiais desnecessários foram deixados na margem esquerda do rio.

Embarcaram sob a coordenação da Comissão de Engenheiros. No 1º Escalão a 3ª Divisão (Sampaio) com 4.480 homens; no 2º a 1ª. Divisão (Argolo), com 4.414 homens, ambas sob o comando de Osório; no 3º a tropa uruguaia, a 12ª Brigada brasileira e a 1ª Divisão argentina, sob o comando de Flores; seguindo-se os demais escalões. A tropa permaneceu embarcada, por toda à noite.

As 08.30, de 16 abril, iniciou-se a travessia preparada, coordenada e executada pelo tenente-coronel Carlos de Carvalho, da Comissão de Engenheiros.

Iniciado o movimento, a artilharia, de Corrales e da Ilha da Redenção, abriram fogo sobre Itapirú. Assim como toda a 2ª Divisão Naval, enquanto a 3ª Divisão entrava pelo rio Paraguai em apoio à operação.

No final da tarde toda a tropa estava acampada, com dispositivo de segurança desdobrado, na cabeça de ponte do Atajo.

7. DE ITAPIRÚ AO PASSO DA PÁTRIA

O primeiro a pisar solo paraguaio foi Osório. Mal desembarcou, montou em seu cavalo e partiu para o

reconhecimento, seguido de seus ajudantes e o piquete de guardas, de doze homens. Partiu na direção de Itapirú, deparando-se logo adiante, com um banhado onde os cavalos passavam com água pelo peito. Esse caminho era uma faixa estreita de terreno arenoso e alagadiço, apertado pelo bosque. Estava alagado e cheio de atoleiros. No seu caminho estava posicionado o Regimento de Cavalaria nº20 reforçado com infantaria e cerca de mais 30.000 homens, em Passo da Pátria. Logo após passar o banhado, fez o primeiro contato com o inimigo.

Na sua retaguarda, seguiram duas companhias do 2º Batalhão de Voluntários e uma do 11º, sob o comando de Major Manoel Deodoro da Fonseca. Mais atrás a 1ª Divisão do General Argolo. Diante da pressão das tropas de Osório, os paraguaios retraíram. Logo à frente, Osório estabeleceu contato com o grosso da tropa do Tenente-Coronel Basílio Benitez. Diante da superioridade do inimigo, Benitez retraiu para Itapirú, deixando no terreno cerca de 500 mortos (Centurión)

Em todo esse tempo, a Esquadra não parou de atirar, sobre Itapirú e arredores, enquanto Lopez, no dia 17, ordenou a evacuação do forte levando consigo toda a artilharia que foi possível.

Ao encontrar uma clareira, Osório resolveu bivacar. No dia seguinte (18), juntamente com Flores e Paunero entrou, em Itapirú. Às 11.00 horas, Mitre chegou ao forte e ordenou à 3ª Divisão (Sampaio), reforçada, por

dois batalhões uruguaio e uma bateria de artilharia brasileira, um reconhecimento, na direção de Passo da Pátria. Enquanto a 2ª Divisão Naval bombardeava Passo da Pátria, postando-se no canal ao norte da Ilha Santa Ana. No dia 20, Flores foi mandado substituir a 3ª Divisão, com a sua vanguarda.

Neste mesmo dia, sob intenso bombardeio naval, Lopez deixou Passo da Pátria. Retirou-se só, seguido à distância pelos seus ajudantes, deixando para trás a sua família. Antes de partir ordenou o incêndio da localidade e a retirada de suas tropas para o norte do Estero Bellaco; abandonando os seus depósitos cheios de suprimento.

“Lopez tinha uma curiosa coragem. Quando se encontrava longe da frente fora do alcance do inimigo...mas não era capaz de suportar um assobio de uma bala”. Palavras de Thompson.

8. DE ESTEIRO BELLACO A TUIUTI

Estero Bellaco – 2 de maio

Ao deixar Passo da Pátria, as tropas paraguaias desdobraram-se ao norte do Estero Bellaco Norte (Estero Rojas), com 100 canhões. A sua vanguarda permaneceu ao norte do Estero Bellaco Sul.

A partir de Passo da Pátria, os aliados deslocavam-se pela estrada de Humaitá, através do estero Bellaco, pelo Passo Sidra. A vizinhança do Passo era de mata fechada, com áreas de banhado. À

direita um terreno arenoso, coberto de mata rala. Ao sul do esteiro, um capão de cada lado da estrada.

A vanguarda aliada, com doze canhões, comandada por Venâncio Flores, postou-se ao sul desses capões, e o grosso ficou mais atrás, a dois quilômetros ao norte de Passo da Pátria, ao sul de um pequeno curso de água que atravessava os banhados. Em primeiro escalão, estavam três batalhões brasileiros, com quatro bocas de fogo, tendo o 7º Batalhão a sua frente, dando-lhe segurança. Mais atrás, em um segundo escalão, ficou o 20º, e à direita da bateria, o 38º Batalhão. O batalhão uruguaio, *24 de abril*, permanecia entre os dois escalões, Na retaguarda permaneciam três batalhões uruguaio. Toda a vanguarda somava 3.500 homens.

Mais ao norte estava a tropa paraguaia, sob o comando do Coronel Díaz, organizado em três colunas. Ao centro quatro batalhões de infantaria, com dois regimentos de cavalaria, em cada flanco. A artilharia desdobrou-se ao norte do esteiro. Além disso, três batalhões de infantaria e um regimento de Cavalaria mantinham-se em reserva. Eram cerca de 5.000 homens, segundo Rio Branco.

Ao meio-dia de 2 de março o inimigo partiu para o ataque, através dos passos Sidra e Carreta, surpreendendo a vanguarda aliada. O combate foi violento deixando o Venâncio Flores em dificuldade, para conter o inimigo. A artilharia foi tomada pelos paraguaios e os batalhões

orientais, praticamente destruídos.

“*Nessa crítica situação - escreveu Garmendia - aparece Osório no campo de batalha*”, à frente de um batalhão brasileiro. Na sua retaguarda vem a 6ª Divisão, do General Vitorino Monteiro com quatro Batalhões de Voluntários da Pátria. Trava-se o combate, a situação é crítica. Unidades da 1ª e da 4ª Divisão correm em socorro e fazem o inimigo retrair para o norte do Esteiro Bellaco. Às 18.00 horas finda o combate, que custou 2.300 perdas para os paraguaios e 1.551 para os aliados.

Tuiuti – 24 de maio

Em 20 de maio o exército aliado marcha para o norte, procurando uma área onde pudesse desdobrar a sua base. Na vanguarda seguiu Venâncio Flores com dois batalhões orientais, um batalhão de artilharia a pé brasileiro e um regimento de cavalaria argentino. O grosso seguiu pela estrada de Humaitá, que atravessava o esteiro Bellaco pelo Passo Sidra. Os argentinos atravessaram no Passo Carreta, exceto o Regimento *San Martin*, que acompanhou as tropas de Flores.

A vanguarda paraguaia posicionou-se a 6,5 km ao norte do Esteiro Bellaco Sul, com a ordem de não defender. Apenas atrair o inimigo para uma posição que lhe fosse favorável. Mas no dia 20 de maio recebeu ordem para retrair para uma posição ao sul do Esteiro Bellaco Norte.

Durante a marcha até Tuiuti, a tropa aliada foi alvo de inquietação e

pequenas escaramuças. Venâncio Flores pressionou o inimigo obrigando que retraísse, para o norte do Esteiro Rojas (Bellaco Norte).

Atravessando o Bellaco Sul, os aliados encontraram um terreno plano, limitado ao sul por um esteiro, ao oeste pela Lagoa Pires, ao norte pelo Esteiro Rojas e a leste uma região de pasto cheia de palmeiras *Yataí*. Logo ao sul do Esteiro Rojas a Lagoa Tuiuti. Ao oeste, antecedendo a Lagoa Pires e ao sul do Rojas, uma mata densa. Logo ao norte do Esteiro Bellaco, uma pequena elevação.

No dia 20 de maio, o exército aliado acampou nos campos de Tuiuti. Desdobrou-se logo ao norte do Esteiro Bellaco, em uma frente de 4.857m, em um descampado, tendo uma pequena elevação à retaguarda, e uma pequena mata, a sua frente, separando-a da lagoa. Os brasileiros ocupando o seu flanco esquerdo, próximo ao potreiro Pires e os argentinos à direita, até os banhados de Yataity-Corá.

Esse terreno como um todo, não favoreceria a uma operação ofensiva. A dificuldade foi aumentada pela a organização do terreno, pelo inimigo, no Esteiro Rojas. Além do que os aliados não conheciam os passos. O único ponto visível de penetração era a "*Bocaina*", teatro de sangrentos combates, em 18 de julho de 1.866 e que se achava barrado por "*bocas de lobo*" e "*abatises*".

Solano Lopez organizou a sua defesa, desdobrando pequenos destacamentos de artilharia, em todos

os passos. Trincheiras foram cavadas, protegidas pelo esteiro (1,8 a 2m de profundidade) e com a sua ala direita apoiada no potreiro Sauce. Ali estavam cerca de 25.000 homens.

A primeira idéia de Lopez foi "*„esperar o ataque e 10.000 homens investiriam contra a retaguarda inimiga, partindo do potreiro Sauce*". Por certo os aliados estariam preocupados com a saída existente.

Tendo tido informações de um possível ataque aliado, no dia 25, Lopez decidiu atacar na véspera. Levou o seu Quartel General para Passo Pucú (onde ficou por dois anos) e no dia 23, falou às tropas reserva e deu instruções aos seus comandantes, durante toda a noite.

Os aliados acampados em Tuiuti deixaram desprotegido o seu flanco esquerdo, face ao Potreiro Pires, apesar dos protestos do General Argolo.

Segundo Mitre, dois dias antes do ataque paraguaio, o General Osório imaginou o que se passava na cabeça de Lopez, em relação às operações. E baseado nesse pensamento, dispôs a sua tropa em posição defensiva, em profundidade, tendo a tropa argentina a sua direita. (Tasso Fragoso)

Lopez decidiu atacar, no dia 24 às 09,00 horas, com quatro colunas: Barrios, com 9.000 homens atacaria a esquerda aliada, através do Sauce; Díaz com 5.000 soldados e quatro canhões, atacaria o centro, tendo a coluna de Marcó, a sua esquerda; e Resquin com 9.000 homens atacaria a direita aliada, constituída pelo

exército argentino. O ataque seria simultâneo, ao sinal de um tiro de canhão, quando a coluna de Barrios estivesse em posição para o ataque. Barrios e Resquin deveriam desbordar as forças inimigas para realizar junção na retaguarda aliada.

Barrios organizando-se no Sauce, deveria percorrer longa distância, marchando em fila indiana, com cavalo pela rédea. Marcharia através *carriçal*, até chegar no Potreiro Pires, enfrentando bosques quase intransponíveis. Ao chegar, no destino, deveria lançar um foguete avisando estar pronto para o ataque. Ao perceber o foguete, Bugrés deveria ordenar um tiro de canhão, determinando o desembocar do ataque. Isso só aconteceu às 11,55 horas. Momento em que Mitre aprontava-se para um reconhecimento.

O “*corneta*” toca: “*sentido! chamada ligeira!*”. Em três minutos, todos entraram em posição. Mas surpreendeu as tropas de Venâncio Flores, na vanguarda.

Do mato, à esquerda começaram a sair os soldados do coronel Diáz, com a sua cavalaria na frente, de espada desembainhada, lançando-se violentamente contra a vanguarda aliada. A tropa oriental não conseguiu se articular, nem se quer entrar em forma. Sendo levados para a retaguarda juntamente com o 41º Batalhão de Voluntários, que foi acolhido sobre a artilharia uruguaia.

Para evitar um esteiro, Marcó deu uma guinada para a esquerda, investindo sobre a artilharia de Mallet.

A artilharia brasileira abre fogo tomando a cavalaria de Marcó pelo flanco, dizimando a cavalaria paraguaia, frente ao fosso de proteção, do 1º Regimento de Artilharia à Cavalos. Os remanescentes escoam para Yataity-Corá. (Cunha Mattos)

Logo atrás do 1º Regimento de Artilharia estava a 6ª Divisão (Vitorino), tendo a sua esquerda a 3ª Divisão (Sampaio). Seriam o nosso 1º escalão; mais atrás os 1º e 3º Batalhões de Artilharia a pé e a 1ª Divisão de Argolo e a 4ª de Guilherme, um pouco mais ao sul vanguarda estava, além da 19ª Brigada (-), constituindo o nosso 2º Escalão.

Na retaguarda estavam a 2ª Divisão de Cavalaria, de J.L. Mena Barreto e a 5ª de Tristão Pinto e dois Batalhões de voluntários da Pátria (o 7º e o 24º), integrando o 3º Escalão. Bem mais ao sul, a Brigada Ligeira de Voluntários, do general Netto, guardavam os depósitos de suprimento.

Submergida a vanguarda aliada, Diáz buscou o flanco esquerdo brasileiro procurando romper a posição da 3ª Divisão de Infantaria (Sampaio). Os brasileiros contra-atacam e trava-se um violento combate, onde 1.033 brasileiros foram postos fora de combate, com 193 mortos. Dentre os feridos estava Sampaio, substituído imediatamente pelo general Jacinto Machado Bittencourt.

A tropa recua, mas o “*corneta*” dá o toque de “*atacar!*” Baionetas caladas e a 3ª Divisão marcha em direção ao inimigo. Dá-se novo

choque violento, mas a Divisão resistia quando após cinco horas de combate, começou abrir-se uma brecha na posição brasileira. Surge Osório, à frente de um batalhão da 4ª Divisão, em socorro da 3ª. Seguido logo atrás de outras unidades brasileiras.

Diáz, para atacar, foi obrigado a atravessar profundos pântanos, deixando muitos mortos. O seu 25º Batalhão, de recrutas, foi inteiramente massacrado, pela artilharia brasileira.

Barrios organizou-se no Sauce, atacou e empurrou os brasileiros até o Esteiro Bellaco. Mas o contra-ataque brasileiro fez o inimigo retrair por três vezes. A cavalaria paraguaia fez muito estrago na infantaria brasileira, mas foram massacrados pela nossa artilharia.

Os aliados levam enorme vantagem, não só por terem sido atacados em suas posições, e por terem sido atacados por soldados sem instrução militar, mas porque tiveram a participação ativa da sua artilharia, enquanto a paraguaia ficou inativa” (Thompson). “Lutava-se praticamente de dois para um e com melhores armas. Poucas eram as armas raiadas dos paraguaios.”

Resquin atacou a posição argentina colocando em fuga a cavalaria de Cáceres e Hornos, que retraíram quase até Passo da Pátria. Alcançando as posições da artilharia argentina, Resquin capturou vários canhões, que foram recuperados pelo contra-ataque aliado. A infantaria, de Resquin, foi dizimada até o último homem.

Resquin procurou desbordar a

posição argentina, visando a junção com Barrios, na retaguarda aliada, mas não conseguiu. Apenas o Major Olabarrieta chegou até lá e retornou, reduzido a poucos homens. Às 16 horas, Lopez ordenou a retirada.

Após a luta, Lopez vai até Passo Gómez para ouvir o relato de Resquin e Diáz que lhe deram as más notícias. Mas mesmo assim determinou à banda que tocasse durante a noite inteira.

A partir de Tuiuti, as tropas brasileiras não levaram, mais, as suas bandeiras, para evitar caírem em mãos do inimigo.

9. CURUZU – 1º de setembro

Em 20 de maio, dezesseis canhoneiras e quatro encouraçados, entraram pelo rio Paraguai para reconhecer Curupaiti, ancorando a jusante de Piquete Palmas.

Em Cerrito, na embocadura do Paraguai, Tamandaré instalou uma oficina, um depósito e um hospital, de onde mandou reconhecer lagoa Pires e verificar a existência de ligação, por terra, com o exército.

Após o combate de 24 de maio, os aliados permaneceram, em Tuiuti, trabalhando na organização da posição.

A esquadra manteve-se em atividade logística e de bloqueio, permanecendo em condições de atuar em uma ação conjunta sobre Curupaiti.

Flores, defendendo o prosseguimento imediato das operações, sugeriu a Mitre, trazer para Passo da Pátria o 2º Corpo de Exército, sob o comando de Porto Alegre. Mas a opinião de Mitre era

de que havia necessidade de uma pausa para o prosseguimento. (Reichmont)

O relacionamento entre Mitre e Tamandaré foi ficando cada vez mais difícil. A chegada de Porto Alegre piorou a situação, pois este se portava como se fora comandante de um exército autônomo. Tentando contornar a situação, em 30 de maio, Mitre, criou uma Junta de Guerra.

Reunida a Junta, chegou-se à decisão final de atacar Curuzú e prosseguir sobre Curupaiti. Mas Tamandaré declarou que só tomaria alguma decisão após receber os novos encouraçados.

Estando Osório com problemas de saúde, em 15 de julho, solicitou ser substituído no comando do 1º Corpo. Foi substituído pelo general Polidoro.

Acertada a situação, em 18 de agosto, Mitre decidiu atacar Curuzú, com prosseguimento sobre Curupaiti. Coube ao 2º Corpo de Exército, de Porto Alegre, realizar o ataque.

Transportado pela esquadra, de Passo da Pátria, onde se encontrava, o 2º Corpo seguiu para Curuzú. Mas Porto Alegre não aceitou comandar sob a supervisão de Tamandaré. O relacionamento entre os chefes aliados era delicado.

Após reconhecimento, em 1º de setembro, reiniciou-se o bombardeio naval, sobre Curuzú, com onze navios. No dia seguinte 2º Corpo de Exército, de Porto Alegre, com cerca de 8.385 homens, desembarcou em Palmas, acampando, sob a proteção de sete canhoneiras, momento em que foi

afundado o *Rio de Janeiro*.

Em 3 de setembro, após bombardeio preliminar, realizado pela esquadra, o 2º Corpo desencadeou o ataque à Curuzú, flanqueando a posição e atacando pela retaguarda. A fortaleza só foi ocupada após a evacuação paraguaia, tendo o inimigo embrenhado no mato, em direção à Curupaiti.

Não havendo condições de prosseguimento, o ataque a Curupaiti não foi realizado. Era melhor manter Curuzú e aguardar nova oportunidade. Pois além de faltar cavalaria era desconhecido o efetivo que defendia Curupaiti. Além do que, Porto Alegre não foi atendido, por Mitre, em sua solicitação de reforço.

Em 10 de setembro Lopez enviou um emissário, a Mitre, para convidá-lo para um encontro, junto com os demais generais aliados, em Yataiti-Corá. No dia 12, só Mitre participou.

10. O DESASTRE DE CURUPAITI – 22 de setembro

Solano Lopez aproveitou a parada, do exército aliado, para melhorar a fortificação de Curupaiti, sob supervisão do general Díaz.

Apesar de divergências existentes entre Porto Alegre e Mitre, ficou decidido retomar o ataque a Curupaiti, em 22 de setembro. Reforçado, o 2º Corpo atacaria Curupaiti, em ação conjunta com a Esquadra; uma coluna, comandada por Flores, sairia, de Tuiuti, para, desbordando o flanco esquerdo

paraguaio, atacar a sua retaguarda; e o 1º Corpo, de Polidoro, deveria permanecer em condições de atuar, mediante sinalização a ser feita pela Esquadra. Mitre comandaria pessoalmente a operação.

Em 21 de setembro, as trincheiras de Curupaiti já estavam prontas. Eram 2 km de fosso, com quatro metros de largura por dois de altura. Além de um muro de dois metros.

Cerca de 4.500 homens, com 90 canhões, sob o comando do general Diáz, esperavam o ataque aliado. Não seria uma surpresa.

Na manhã de 22, oito encouraçados iniciaram o bombardeio da fortaleza. O que foi totalmente ineficaz, devido a altura das muralhas, que obrigava a correção do ângulo de tiro. Os tiros ultrapassavam as posições paraguaias, sem que fosse percebido, pela Esquadra.

Dois encouraçados (“*Brasil*” e “*Barroso*”) subiram o rio e se posicionaram na retaguarda da bateria paraguaia.

Às 12.00 horas, Mitre ordenou o ataque, com a tropa em uniformes de gala e ao som da banda de música. Ataque realizado por quatro colunas. Outros dois batalhões foram posicionados no Chaco, do outro lado do rio Paraguai, em frente a Curupaiti.

Algumas unidades chegaram até próximo as trincheiras, com muitas baixas, mas outras não conseguiram acompanhar. Os obstáculos eram muito grandes, agravados pelo mau tempo e terreno alagado.

Mitre informado, por dois

assistentes de que Porto Alegre já havia ocupado a primeira trincheira, ordenou um segundo ataque, com as tropas argentinas. Mas o fato não era verdadeiro. A tropa brasileira só havia chegado ao fosso principal. Mitre procurou usar a reserva, mas esta já havia recuado. Não tinha mais o que fazer e a opção foi optar pela retirada. Foi um desastre.

No desembocar do ataque, a esquadra deu o sinal convencionado para que Polidoro atuasse em Passo Gómez. Mas Polidoro não atacou, alegando não ter visto o sinal dado pela Esquadra.

Flores, por sua vez, afastou-se muito além do previsto e perdeu o contato com o grosso do exército, não conseguindo chegar à retaguarda paraguaia. Apenas encontrou um bom acesso na direção de Humaitá.

As divergências entre os chefes colocaram em risco a condução da guerra, extravasando para o campo diplomático. A ponto, do Ministério argentino, autorizar Mitre a negociar com Lopez e não cumprir o Tratado, nos pontos que ele julgasse importantes (Arquivo Histórico do Itamarati – Lata 618). Mas, isso não chegou a ocorrer.

Logo após o combate, Flores retirou-se para Montevidéu, conforme estava previsto desde o dia 5. Logo após chegar a Montevidéu, acabou assassinado.

A tropa argentina retirou-se para Tuiuti e o 2º Corpo, permaneceu em Curuzú. Depois de Curupaiti, nada mais houve de importância, até

o segundo ataque a Tuiuti.

Os aliados permaneceram inativos, até fevereiro de 1868, enquanto a Esquadra continuou bombardeando Curupaiti, por mais dezoito meses, quase que diariamente. A vanguarda de encouraçados manteve-se ancorada, frente a fortaleza, sem descuidar do rio Paraná, até Itati.

Mais tarde, Curupaiti foi evacuada pelos paraguaios e ocupada pelos aliados.

11. SURGE UM NOVO EXÉRCITO

Em 20 novembro de 1866, o Marquês de Caxias, assumiu o comando das tropas brasileiras, no teatro de operações. Inclusive da esquadra, até então independente.

Os generais e Porto Alegre retornaram ao Brasil, tendo o general Argolo assumido o 2º Corpo, até março de 1867.

Ao retornar ao Paraguai, Polidoro reassumiu o 1º Corpo, enquanto Argolo assumiu o 2º, permanecendo em Tuiuti.

Ao chegar em Tuiuti, Caxias encontrou um exército desorganizado, indisciplinado, sem condições de prosseguir nas operações. Iniciou a sua reorganização, criando um novo exército, para atuar dentro do

pensamento militar da época. Normatizou a administração e regulou a disciplina militar.

As unidades foram reorganizadas; os efetivos nivelados; a segurança normatizada, implantada a disciplina e recuperado o estado sanitário dos acampamentos e da tropa. Paralelamente atuou no adestramento das unidades.

Preocupado com a logística, após concorrência, contratou empresas estabelecendo regras e impondo rígidas exigências, quanto à quantidade, a qualidade e os meios para realizar o apoio e cumprir os contratos.

Com relação aos efetivos, encarregou Osório de organizar o 3º Corpo de Exército e mandou submeter à inspeção de saúde todos os militares, baixados ou em licença para tratamento. Esses efetivos pacientes representavam perto de 30%, da tropa, brasileira, no teatro de operações. Em sua maioria em perfeitas condições de saúde para retornarem para a linha de frente. O que de fato veio acontecer.

Com a chegada de Caxias, foi estabelecida a unidade de comando das forças armadas brasileiras, então transformada em um Exército moderno e adestrado.

Assim chegou-se ao final de 1.866.